

**ANTÓNIO BOTTO**

**ALGUNS POEMAS**

**JOSÉ MARIA ALVES**

[www.homeoesp.org](http://www.homeoesp.org)  
[www.josemariaalves.blogspot.com](http://www.josemariaalves.blogspot.com)

António Botto nasceu no ano de 1897, no concelho de Abrantes.

Com 5 anos passa a residir em Alfama e aos 23 escreve "Canções do Sul". Um ano depois publica a primeira edição de "Canções". Talvez se possa resumir a sua obra poética ao seu livro "Canções".

Em 1924, na qualidade de funcionário público, é colocado em Angola, para no ano seguinte regressar a Portugal, tendo tomado posse no Governo Civil de Lisboa.

No ano de 1937 é nomeado escriturário de 2ª classe do Arquivo geral de Registo Criminal e Policial.

Em 1942 foi demitido da função pública – *demissão e não aposentação compulsiva, o que não lhe deu direito a qualquer pensão* – por factos que foram subsumidos ao conceito indeterminado de "falta de idoneidade moral".

No ano de 1947, decide partir para o Brasil, tendo falecido no Rio de Janeiro, como consequência de acidente, em 1959.

Entre 1919 e o ano da sua morte, Botto teve intensa actividade literária, realçando-se a sua obra poética.

Fernando Pessoa, um dos seus admiradores, disse que o poeta "é o único português, dos que hoje conhecidamente escrevem, a quem a designação de esteta se pode aplicar sem dissonância".

O livro "Canções", é nesta perspectiva, uma obra de carácter intelectual onde, quer a forma quer o ritmo foram escrupulosamente estudados, onde a beleza e o prazer dominam numa perspectiva que de metafísica nada tem.

Em louvável atitude, no ano de 2008, as *Quasi edições* começam a publicar as obras completas do poeta "excomungado".

Que este "caso mal resolvido da literatura portuguesa", ocupe o lugar que por mérito próprio lhe pertence, o que apenas se conseguirá com a divulgação da sua excelente obra.

**JOSÉ MARIA ALVES**

**DEZEMBRO DE 2009**

Não. Beijemo-nos, apenas,  
Nesta agonia da tarde.

Guarda –  
Para outro momento,  
Teu viril corpo trigueiro.

O meu desejo não arde  
E a convivência contigo  
Modificou-me – sou outro...

A névoa da noite cai.

Já mal distingo a cor fulva  
Dos teus cabelos. – És lindo!

A morte  
Devia ser  
Uma vaga fantasia!

Dá-me o teu braço: - não ponhas  
Esse desmaio na voz.

Sim, beijemo-nos, apenas!,  
- Que mais precisamos nós?

Tenho a certeza  
De que entre nós tudo acabou.  
- Não há bem que sempre dure,  
E o meu, bem pouco durou.

Não levantes os teus braços  
Para de novo cingir  
A minha carne de seda;  
- Vou deixar-te, vou partir!

E se um dia te lembrares  
Dos meus olhos cor de bronze  
E do meu corpo franzino,  
Acalma  
A tua sensualidade  
Bebendo vinho e cantando  
Os versos que te mandei  
naquela tarde cinzenta!

Adeus!  
Quem fica sofre, bem sei;  
Mas sofre mais quem se ausenta!

Não é ciúme o que eu tenho,  
É pena;  
Uma pena  
Que me rasga o coração.

Essa mulher  
Nunca pode merecer-te;  
Não vive da tua vida,  
Nem cabe na ilusão  
Da tua sensualidade.  
- Mas é bela! Tu afirmas;  
E eu respondo que te enganas.

A beleza –  
Sempre foi  
Um motivo secundário  
No corpo que nós amamos;  
A beleza não existe  
E quando existe não dura.  
A beleza –  
Não é mais do que o desejo  
Fremente que nos sacode...  
- O resto, é literatura.

Conheço bem os teus nervos;  
Deixaram nódoas de lume  
Na minha carne trigueira;  
- Esta carne que lembrava  
Laivos de luz outonal,  
Doirada, sem consistência,  
A aproximar-se do fim...

Eu já conheço o teu sexo,  
Tu já gostaste de mim!

A frescura do teu beijo  
E o poder do teu abraço  
- Tudo isso eu devassei...

Não é ciúme o que eu tenho;  
Mas quando te vi com ela  
- Sem que me vissem, chorei...

Quem é pobre sempre é pobre,  
Quem é pobre nada tem;  
Quem é rico sempre é nobre  
E às vezes não é ninguém.  
Complicada afirmação  
Esta – de ter e não ter!...  
- O que importa é ter razão,  
Saber amar e sofrer!  
Quanto a bens materiais,  
Coisas que a sorte nos dá  
Ou o trabalho conquista,  
É tudo sem consistência:  
- Antes a cruel saudade  
Que me deu a tua ausência.



Linda e loira,  
Como a lua quando nasce  
Em tardes de Julho.

A sua boca  
Pequenina e recortada,  
Era vibrante e discreta  
Como a flor da romãzeira.  
E os seus olhos, muito vagos,  
Como a verem além-mundo,  
Assemelhavam dois vales  
Com dois lagos de cristal azul ao fundo.

Ao longe, num mar de sangue,  
Morre o sol.  
E uma aragem muito fria  
Faz ondular as palmeiras.

Com damasco precioso  
Foi coberto o amplo piso  
Guarnecido por mosaicos  
E vasos d' oiro lavrado.

Fizeram-se juramentos!  
E ela, sorrindo, orgulhosa,  
Ergueu-se quase divina!

Soaram palmas, exclamações, e delírios!  
- Já ninguém pediu mais vinho!

Baila, baila, minha filha!

- Sim; bailarei como nunca!

E o corpete,

Na dança,  
Descai-lhe suavemente  
Deixando ver os dois seios,  
Pequeninos, volumosos,  
Como dois frutos doirados.

Como tu bailas, amor!

Soltam-se os véus; e em redor  
Da sua graça,  
Da sua carne delgada,  
Parecem névoas de seda.

Um grande rubi, soberbo,  
Resplandece entre os seus seios  
Como se fosse uma estrela!...

Está quase nua!  
Mas, continua bailando...

No rosto do rei Tetrarca  
Há lágrimas e tristeza.

Agora, baila, pisando  
Os brocados que envolveram  
O seu corpo de Princesa...

Sobre o seu sexo  
brilham duas esmeraldas  
De raro fulgor.

E a voz lenta  
da bailadeira franzina,  
Soa mais lenta, mais longa,  
Mais sensual e mais quente:  
- Profeta dos olhos negros,  
Hás-de ser meu esta noite  
Antes da lua surgir!...

O mais importante na vida  
É ser-se criador – criar beleza.

Para isso,  
É necessário pressenti-la  
Aonde os nossos olhos não a virem.

Eu creio que sonhar o impossível  
É como que ouvir a voz de alguma coisa  
Que pede existência e que nos chama de longe.

Sim, o mais importante na vida  
É ser-se criador.

E para o impossível  
Só devemos caminhar de olhos fechados  
Como a fé e como o amor.

Que importa que o mundo fale?  
Responde com um sorriso,  
- Um sorriso, e nada mais.

Quando alguém  
Só por suposições  
Afirma  
Alguma coisa má de nós  
É porque tem a consciência  
De que posto no mesmo caso  
nele seria uma verdade  
O que em nós é aparência.

Um sorriso, - e nada mais:  
Sim, faz o mesmo que eu faço.

Fazes-me pena dizendo  
Que sou culpado  
Da vida que tens levado...

Mas vá, responde mais claramente:  
Eu sou culpado porquê?  
Lá por ter sido o primeiro...  
- Bem se vê que és infantil  
Meu doido amor de algum dia,  
Meu adolescente loiro,  
- Corpinho alto  
Que eu doidamente mordia!

Fazes-me pena continuando a afirmar;  
Porque a vida  
É sempre o que nós queremos:  
- Não rias,  
Nem penses que vou brincar.

E se ela nos surpreende  
Às vezes  
Com alguma coisa, crê-me:  
É unicamente –  
Porque a nós mesmos,  
Raras vezes,  
Afirmamos em verdade  
O que em verdade queremos.

Bem se vê que és infantil  
Meu doido amor de algum dia,  
- Corpinho alto  
Que eu doidamente mordia.

Se tudo quanto disseste,  
- E foram quatro palavras!  
Foi tudo quanto sentiste,  
Então...,  
Porque estranhas  
Que eu fique triste?

Podias ter tido pena –  
Desta ilusão  
Que era a maior e a mais bela  
De quantas pude sentir!  
Sim, podias ter mentido,  
E era tão fácil mentir!

Tentei beijar-te? – perdoa;  
Arranjavas um pretexto:  
«Agora, não..., outro dia!...»  
E eu ficava-me contente!,  
- Se eras tu,  
A tua boca, os teus olhos,  
- Se eras tu quem me mentia!

Busco a beleza na forma;  
E jamais  
Na beleza da intenção  
A beleza que perdura.

Só porque o bronze é de boa qualidade  
Não se deve  
Consagrar uma escultura.

Bernard Shaw diz que, na vida,  
Tudo convém conhecer.  
E eu, de tudo,  
Mais ou menos dou notícia.  
- Só não sei que sabor tem  
A fadiga do prazer.



No amor,  
Não duvides amor meu, -  
Dois tipos de homem  
Houve sempre.

E esta verdade  
Que é maior que a própria vida,  
Só por Ele – vê lá bem!,  
Poderá ser desmentida.

- Um,  
A contemplar se contenta;  
E outro,  
Apaixona-se, intervém...

Sê jovem,  
Jovem, apenas.

Não faças literatura  
Nem ponhas o melancólico aspecto  
De quem sabe  
E se debruça  
Nos abismos  
Desta pobre humanidade  
Tão vil e tão desgraçada!

Sê natural como as rosas  
Que rebentaram ali nos canteiros do jardim,  
- E sê jovem!,  
Mas não queiras ser mais nada  
Quando estás ao pé de mim.

Afirmam que a vida é breve,  
Engano, - a vida é comprida:  
Cabe nela amor eterno  
E ainda sobeja vida.

Tarde nevoenta e baça.

Caem salpicos de chuva,  
E há nuvens  
Que se atropelam, bailando...

A luz do sol,  
Indecisa – muito escassa,  
Reflexo de uma lâmina puída,  
Cai na planície  
Aonde  
Eu aguardo o início da corrida.

Cavalos e cavaleiros  
Num tropel imponente  
De vertigem arriscada,  
Aparecem  
Lá no fundo...

E a luz,  
De repente,  
Torna-se um pouco doirada.

A alegria  
Daquela  
Esplêndida juventude  
- Que passa!,  
E o ruído seco e surdo  
Dos cavalos  
Em delírio, galopando,  
Dão-me um frémito viril  
E uma saudável tristeza.

A chuva surge mais densa;  
- Agora,

Com remoinhos,  
Granítica, sem leveza,  
Encharcando a verde relva  
E a multidão  
Que persiste  
Em ficar  
Para ver a apoteose final.

Apesar dos aguaceiros,  
E apesar da ventania  
Quase cortante,  
O garbo gentil e atlético  
Dos cavaleiros,  
É, nos meus nervos,  
Um toque dominador,  
Sensualíssimo, vibrante...

Uma gargalhada  
Metálica – de mulher,  
Retine  
Como vidraça quebrada  
Por um encontrão brutal.

E o esforço  
Que tomo  
Para não mostrar aos outros  
Meu fundo sentir,  
Acaba  
Por me tornar  
Vencido, pálido, mole.

Saio.  
- No ar,  
Vive uma réstia de Sol.

Anoitece devagar.

No terreiro,  
Vão-se os pares  
Ajustando para a dança.

- Quem é que baila comigo?

Bailarei eu!,  
Grita uma linda Maria  
De rosto largo e trigueiro.

E o harmónio  
Murmurando,  
Dá início ao movimento  
Que é todo ligeiro e brando.

Agora –  
Apertam-se mais  
Os corpos  
Nas voltas lentas e bruscas  
Da toada musical.

Vá de roda, quem mais ama?  
Quem mais quer ao seu benzinho?  
Quem mais ama mais padece;  
Eu hei-de amar poucachinho.

Ao redor do bailarico  
Já se vai juntando gente  
Que andava um pouco dispersa;  
E a minha linda cachopa,  
Balanceada,

Contente,  
Parece dada a um sonho...  
- Nem eu sei o que ela sente!

Paro. Mas o meu braço descansa  
Nas espáduas do meu par..

A noite cobriu  
De sombras a natureza.

Ah!, se eu pudesse cantar  
- E dar luz aos corações!

Fico a pensar e a olhar...

- Já se acenderam balões!

Foi aquele moço! Aquele  
Que traz um cravo na boca  
- Escarlata  
Como a cinta  
Com que ele envolve os quadris.

E a olhá-lo me ponho  
Na graça quente e flexível  
Dos seus aspectos viris.

Ai, a vida!,  
É tão enganosa e fria,  
Tão outra da que nós temos,  
Que é bem melhor desejá-la  
Como coisa que flutua  
Para lá da que nós vemos...

Vamos descansar ali...  
Deixemos...  
- Digo ao par que me acompanha.

E ouvindo a voz do harmónio,  
E contemplando  
Esvaído

Os pares em desalinho  
Sinto a mesma sensação  
De ter bebido algum vinho.



No silêncio  
Do meu desânimo triste,  
Fui quebrando  
As últimas ilusões...

Da vida não quero nada.

O que é que a gente constrói  
Dando amor ou amizade?

Tranquiliza-te, sei bem:  
Eras o único afecto  
- Um frágil fio de cambraia  
Envolvendo  
A mais sólida ilusão –  
Que se esvaiu como as outras...

Da vida não quero nada.

De tudo me hei-de esquecer...

E se aperto com dandismo  
O nó da minha gravata,  
É inda um defeito inútil  
- Dos poucos que hei-de manter...

Nem sequer podia  
Ouvir falar no teu nome.  
E se fixava o teu vulto,  
Irritava-me, sofria  
Por não poder insultar-te...

Chuviscava, anoitecia.  
- Uma chuvinha  
Impertinente e gelada  
Como sorriso de ironia  
Numa boca desejada.

Já não sei o que disseste;  
Nem me lembro do que eu disse...

A chuva continuava.  
Atravessámos um jardim  
E à luz fosca  
Dum candeeiro,  
Segredaste ao meu ouvido:  
- Quero entregar-te o meu corpo.  
E eu acrescentei: - Pois sim.

A chuva tornou-se densa.  
Eu ia todo encharcado.  
Por fim, chegámos; entrei...

Um marinheiro descia  
Ajeitando a camisola  
E compondo os caracóis.  
Era uma casa vulgar  
Aonde o amor  
- Oculto a todos os Sóis  
Se dava e prostituía  
A troco da real mola.

Arrependi-me. Blasfemei;  
Mas quando abandonei os teus braços  
Senti que tinha mais alma!

E nunca mais te encontrei.

Chora a amante esquecida,  
Chora quem vai barra fora;  
- Quem não chorou nesta vida  
Se o próprio mar também chora?  
Sim; tudo acaba num ai,  
Num silêncio, num olhar,  
Ou numa lágrima triste!  
- Nem já sei se te beijei,  
Nem me lembro se me viste...  
É isto, apenas. O mais,  
É mentira e fantasia...  
- Se a vida não fosse choro,  
O que é que a vida seria?

Vieram dizer-me  
Que te condóis  
Da vida que vou levando  
Desde o nosso rompimento?...

Não tenhas pena; -  
Sou feliz a cada hora,  
E mais, a cada momento!

Acabei. Nada me fica  
Na lembrança -  
Para que eu no tumulto insondável do amor,  
Me possa prender  
Ao prazer de lembrar seja o que for.

Cuidavas que eu andaria  
Doido à procura de ti  
Pelos clubes onde vive  
A tua neurastenia -  
Quando,  
Afinal,  
Tão diferente  
Me encontras, - hoje, abraçado  
Ao desconforto e à ruína  
Dessa ilusão  
Que apenas doirou de luz  
O nosso primeiro dia!?

Agora, -  
Entretenho-me com essas  
Que a troco de um vil amplexo  
Dão-nos o mundo num beijo.

De quantas misérias, quantas?!,  
Foi feito o nosso desejo!

Esquece-me. Quero andar  
Ao sabor do meu instinto  
Cultivado na desgraça.

O amor, -  
Deixa um travo, mas passa.

Não tenhas pena.

Do alto do meu aprumo  
Desafio a tua verve:

- Para morrer,  
Qualquer lugar,  
Qualquer corpo,  
E qualquer boca me serve.

## A JULIETA DO BECO DAS CRUZES

Aos arrancos, lá vai ela  
Despedir-se do amante  
Nesta manhã de Janeiro!  
Coitada, morre por ele!  
- Foi o seu primeiro amor  
E será o derradeiro.

Todas as tardes, risonha,  
Ela falava com ele  
Num beco escuro de Alfama.  
Era ali que ela morava;  
- Até que uma noite foram  
Pernoitar na mesma cama.

Estou a vê-la!, cingida  
Ao corpo delgado e quente  
Desse esbelto carpinteiro!  
E vejo-a, dias depois,  
nervosa, afastar-se dele  
Chamando-lhe: trapaceiro.

Mais tarde ia procurá-lo  
À oficina e chorosa  
Seguia-o sem que ele a visse;  
E naquela perdição  
Adoeceu porque um dia  
Com outra o viu, - mas, sorriu-se...

Soube-lhe bem ser «mulher»  
Do homem que apenas teve  
Um desejo passageiro!  
Mas, agora, - cruel preço!  
Dos olhos fez duas fontes

E do amor um cativoiro.

Adoeceu gravemente.  
Nunca mais saiu à rua,  
Sempre a tossir e a sofrer...  
E era a mãe que, mendigando,  
De porta em porta arranjava  
Qualquer coisa p´ra viver.

Hoje, constou-lhe que a Guerra  
O chamara para as linhas  
Do combate, - e combalida,  
Vai ao embarque levar-lhe  
No silêncio de um olhar  
Os restos da sua vida.



## APONTAMENTO

Para onde marcha o mundo? O que vai ser  
Do pobre que nasceu para servir?  
- Trocaram o sorriso pela espada  
E é latente a volúpia de agredir!

O que é que os homens querem mais ainda  
Além da sua vil mediocridade?  
Incêndios, sangue, - ó cegos visionários  
Sem alma e sem noção da realidade!  
Tambores e metralhas e clarins  
Num cântico sinistro, sem beleza,  
- Embora a vida seja o hálito da morte,  
Uma ilusão de límpida saudade, -  
Deixai supor, deixai-vos iludir  
De que para viver  
Não é preciso matar  
Nem é preciso mentir!

## FRISO CONTEMPORÂNEO

### O FADO

Desde piqueno  
- O meu Sonho,  
Era chegar a ser homem,  
E ser marujo! – embarcar...

Hoje,  
Vejo que a vida não deve  
Ser vivida com paixão;  
- Tudo foge ao nosso olhar.

Amores, quem é que os teve  
Com mais funda intensidade?

Tanto anseio me escaldava  
Que todas essas que foram  
Tocadas pelo meu corpo  
Desempenado e trigueiro  
Andam à noite vendendo  
O frágil sexo – ao primeiro...

Triste de quem tem amores,  
Triste de quem os não tem;  
De toda a maneira é triste  
Sentir saudades de alguém.

E era aclamado!  
Sentiam  
A nostalgia do fado  
Na minha voz

Pouco amorosa mas quente;  
- Numa lágrima,  
Dizia,  
O meu passado e o meu presente.

O vinho  
Entornava-se nos copos;  
As almas  
Vinham à tona  
Da conversa altiva e rude:  
«Então, à nossa, rapazes!,  
Bebam à nossa saúde!»

E havia sempre o afago  
Daquela  
Que nas sombras da viela  
Tange a sua condição  
E é nossa por qualquer coisa.

Sim;  
Mordi bocas que choravam  
Para de novo as morder;  
Depois, um dia, casei  
- P´ra mais vida conhecer.

Nisto embarco por dois anos.  
Deixo a mulher – e lá vou  
Servir a Pátria!,  
Servi-la  
Com aprumo e galhardia!  
Que o digam estas divisas  
Que são a minha alegria.

Agora volto. Com outro  
Se juntou essa perdida;  
- Com outro geme o seu cio  
Destrambelhado e mordente.  
Com outro, dizem; - com «outros»,  
Direi eu a toda a gente!

Triste de quem tem amores,

Triste de quem os não tem;  
De toda a maneira é triste  
Sentir saudades de alguém.

O brinco da tua orelha  
Sempre se vai meneando;  
Gostava de dar um beijo  
Onde o teu brinco os vai dando.  
Tem um topázio doirado  
Esse brinco de platina;  
Um rubi muito encarnado,  
E uma outra pedra fina.  
O que eu sofro quando o vejo  
Sempre airoso meneando!  
Dava tudo por um beijo  
Onde o teu brinco os vai dando.

Sei –  
Que outros abraços te apertam  
E outras bocas vão beijar  
O teu saboroso corpo  
Onde mora o meu destino;  
Mas, não me zango nem fujo  
Nunca mais de te falar –  
Como se em ti desconhecesse  
O vício de atraíçoar...

Nesta vida transitória,  
Afimal, - o que sou eu?  
- A força de um pensamento que diz aquilo que diz  
E o resumo de uma história  
Que ninguém compreendeu.

É difícil na vida achar alguém  
Que seja na verdade um grande amigo,  
E se assim penso – e com tristeza o digo,  
É porque o sei, talvez, como ninguém.

Se a amizade é um bem – e se esse bem  
Traz o conforto de um divino abrigo,  
Por mim, direi, que nunca mais consigo  
Iludir-me nas graças que ele tem.

Afectos, sacrifícios, lealdade!,  
Tudo se apaga ou fica na memória  
Se a ilusão dá lugar à realidade.

E ai daqueles que pensam na excepção:  
Acabam por ficar dentro da história  
De que a vida é um sonho e uma traição.

Casar, mas para quê, se o casamento  
Não significa o verdadeiro amor?  
E se ele existe – seja como for,  
Deixa de ser amor nesse momento.

Leva-se a vida, então, no sofrimento  
De um conflito movido no torpor  
Que amortece o respeito e esse pudor  
Necessários ao lar e ao sentimento.

Com piquenas e raras exceções  
O homem e a mulher andam no mundo  
Ao sabor das mais loucas tentações...

E, mutuamente, embora não pareça,  
Desejam ambos libertar-se a fundo  
Ou esperam que a morte os favoreça.



Se fosses luz serias a mais bela  
De quantas há no mundo: - a luz do dia!  
- Bendito seja o teu sorriso  
Que desata a inspiração  
Da minha fantasia!  
Se fosses flor serias o perfume  
Concentrado e divino que perturba  
O sentido de quem nasce para amar!  
- Se desejo o teu corpo é porque tenho  
Dentro de mim  
A sede e a vibração de te beijar!  
Se fosses água – música da terra,  
Serias água pura e sempre calma!  
- Mas de tudo que possas ser na vida,  
Só quero, meu amor, que sejas alma!

Explica-me tu se podes  
Num movimento de calma,  
Porque razão  
Se te beijo num desvairo de prazer  
Às vezes sou todo corpo  
E às vezes sou todo alma?

Fui agora mexer nas tuas cartas.

Quem pudesse voltar a acreditar  
Nessas palavras doidas e transidas  
De febre no delírio da paixão  
Que arrastaram num sonho as nossas vidas  
Misturando-as na mesma reacção!

Aqui há um juramento além da morte.  
Ali dizes que vens logo à noitinha;  
E um cheiro a vinho e a fruta – Que doidice!,  
Paira naquele quarto do hotel  
Onde fiquei três dias e três noites  
Esquecido de tudo à tua espera!

Estávamos em Março; Primavera.

Nesta um abraço ainda cinge e aperta  
Meu corpo vibrante,  
E ali rasga o papel o teu ciúme  
Num beijo sensualíssimo de amante.

Além, mais alto, impões que te apareça  
- E a noite era uma noite muito fria!  
Tanta carta a falar do nosso amor,  
Tanta coisa que morre e nem nos deixa  
Sequer um vago som de simpatia?

O que eu chorei quando esta recebi,  
Esta que diz: «Não volto a procurar-te».  
E atrás de ti segui por toda a parte,  
Até que te encontrei; e ardentemente  
Voltámos à loucura que findou.

Como é que a gente pode mudar tanto

Sem sentir pela hora que passou  
- Por essa hora linda de prazer,  
Uma saudade, um pormenor qualquer,  
- Ficarmos alheados ou suspensos, -  
Uma tristeza, uma tremura, um ai  
Que nasce e vai morrer lá onde a realidade  
Começa e não acaba e nunca expira?...

Não leias estes versos. Tudo isto,  
Tudo isto, afinal, é só mentira.

## CANTIGA

Se eu fosse alguém ou mandasse  
Neste mundo de vileza  
Só pensava numa coisa  
- Acabar com a pobreza.  
Dar à vida outra feição  
Mais igual, mais repartida,  
Seria o meu grande sonho,  
A minha grande alegria,  
E a cada boca num beijo  
Dar o pão de cada dia.

Quem tem muito poderia  
Ter menos um bocadinho  
P´ra não haver tanto pobre  
A pedir no meu caminho.  
Não ouvir o desalento  
À noite pelas tabernas,  
Nem haver gente com fome  
Lutando para viver  
Porque eu sou pobre também  
E não lhes posso valer.

Acabar com a miséria  
Mãe do crime e da loucura  
Seria ensinar a ler  
Os vermes da sepultura.  
Mas, cingido ao fatalismo  
De uma luta desigual  
O que há-de fazer um triste  
Que só chegou a indigente?  
- Renunciarmos a tudo  
No futuro e no presente.

Não ouvir uma criança  
Na tristeza de uma queixa  
Fazer-nos sentir a morte  
E o luto que ela nos deixa;  
Podemos dar num sorriso  
A expressão da felicidade;  
cada mortal possuir  
A sua razão de ser,  
- Assim gostava da vida  
E gostava de viver.

**JOSÉ MARIA ALVES**

[www.homeoesp.org](http://www.homeoesp.org)

[www.josemariaalves.blogspot.com](http://www.josemariaalves.blogspot.com)

